

Feiras livres: o que dizem as pesquisas sobre o fenômeno no Brasil?

Sara Soares Costa¹
Instituto Federal Baiano
Governador Mangabeira-BA

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar as produções científicas, elaboradas no Brasil, sobre as feiras livres enquanto contexto para o desenvolvimento de uma pesquisa doutoral vinculada a feira livre e aos movimentos de resistência pela permanência dessa prática social, produtora de educação popular, saberes, cultura e valores relevantes à vida em sociedade. A metodologia utilizada combinou a Revisão Integrativa e a Bibliometria, na qual foram analisados os objetivos, metodologias e resultados apresentados nas pesquisas. Os resultados apontam para uma diversidade de áreas interessadas no fenômeno e na conclusão percebe-se a feira livre como um universo pluricultural do qual emergem educação popular, cultura e resistência.

Palavras-chave: Cultura Popular. Resistência. Feira Livre.

Urban street fairs: what does research say about the phenomenon in Brazil?

Abstract: The objective of this article is to identify the scientific productions, elaborated in Brazil, on urban street fairs as a context for the development of doctoral research linked to these fairs and the resistance movements for the permanence of this social practice, producer of popular education, knowledge, culture, and values relevant to life in society. The method used combined the Integrative Review and Bibliometrics, in which the objectives, methodologies, and results presented in the research were analyzed. The results point to a diversity of areas interested in the phenomenon, and, in conclusion, the free fair is perceived as a pluricultural universe from which popular education, culture, and resistance emerge.

Keywords: Popular Culture. Resistance. Street Fairs.

1. INTRODUÇÃO

As feiras livres existem desde tempos imemoriais como territórios de convivência, lugares de relações de proximidade e amizade e, ao mesmo tempo em que estruturavam centros urbanos, assumem funções logísticas e comerciais de abastecimento das cidades. Por exemplo, na Europa da idade média, o tamanho, a importância e a organização das feiras livres era tão relevante que, “os guardas normais da cidade não lhes bastavam; havia a polícia própria da feira [...]. Quando surgia uma disputa, os policiais da feira intervinham e nos tribunais da feira era resolvida” (Huberman, 1967, p.33). Naqueles tempos, os mercados locais eram pequenos e negociavam, principalmente, produtos agrícolas enquanto as feiras livres eram de grande porte

¹ E-mail sara.costa.mamona@gmail.com - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (*Campus* Governador Mangabeira).

e negociavam mercadorias por atacado provenientes de todos os pontos do mundo então conhecido (Huberman, 1967).

De certa forma, esse cenário ganhou conotações próprias e emergiu também, por exemplo, no Nordeste brasileiro do início do século XVII. Os centros urbanos tinham um comércio considerável, mas eram fortemente dinamizados social e economicamente no dia da feira, que tinha frequência semanal e se tornava *locus* de encontros e trocas (Koster, 1817). Na contemporaneidade, parece ter ocorrido a inversão histórica das dimensões e importância entre a feira livre e o mercado local nas cidades, emergindo controvérsias para estes dois campos quanto aos seus papéis de *locus* de atividades comerciais e de convivências. As feiras livres emergem como espaços de experiências e convivências marcados pela possibilidade de coexistência de Economias híbridas, Resistência Social, Cultura e Educação Popular. Estes espaços tradicionais, não perderam a capacidade de manter vívida coexistência das lógicas da produção e do *modus vivendi* doméstico e familiar, continuam a ser dinamizadores das economias solidárias e populares.

Com vistas a continuar com os esforços de compreensão desse fenômeno, para fins de desenvolvimento de uma pesquisa doutoral vinculada aos processos educativos que emergem em espaços não formais, tal qual aqueles que acontecem nas feiras livres do nordeste, o presente artigo buscou identificar produções científicas - teses e dissertações - elaboradas no Brasil que trataram sobre a temática “Feira Livre”, considerando àquelas vinculadas às temáticas da Educação Popular, Cultura Popular e Resistência, conceitos abordados na pesquisa da qual este artigo se origina.

2. CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO

Para construção dessa pesquisa foram tomadas como base a Revisão Integrativa, segundo Botelho, Cunha e Macedo (2011), Mendes *et al.* (2008), Soares *et al.* (2014) e Universidade Estadual Paulista (UNESP, 2015). Também foi utilizada a Bibliometria, segundo Cassundéa *et al.* (2018), Lima (1986) e Silva (2013), sendo referência para construção das tabelas, gráficos e na elaboração de uma visão geral a respeito das publicações, considerando o reconhecimento acadêmico que esta forma de apresentação tem conquistado (Cassundéa *et al.*, 2018).

Após a elaboração de um mapa com informações gerais sobre as pesquisas, a análise dos documentos foi construída tendo como base a Revisão Integrativa que se configura em um tipo de revisão de literatura (UNESP, 2015). Esta abordagem metodológica é utilizada, inclusive, para identificar conceitos e lacunas dos estudos, e principalmente, quando os caminhos metodológicos das pesquisas são diversificados (Soares *et al.*, 2014). A seguir, os passos para construir uma revisão integrativa que foram efetivadas nesse trabalho.

Na **definição do tema** ficou estabelecido que seria “feira livre”, sendo a **questão da pesquisa** “Qual a tendência da produção científica relacionada à feira livre no Brasil?”. Assim, buscou-se o

entendimento das abordagens metodológicas utilizadas nos estudos analisados com base em Soares *et al.* (2014). A **base de dados** definida foi a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), teses e dissertações, que concentra informações enviadas pelos programas de pós-graduação reconhecidos no Brasil através do Ministério da Educação (MEC).

A **definição do descritor** considerou a palavra “feira livre” com aspas duplas; e, a **busca** por pesquisas finalizadas. Após este primeiro momento, o passo seguinte foi **definir os critérios para inclusão e exclusão dos trabalhos identificados**. A escolha foi trazer as pesquisas para uma visão geral e depois analisar os estudos que tratassem especificamente de questões vinculados à “Educação Popular”, “Cultura Popular” e “Resistência”, conforme citado anteriormente. Assim, os estudos que ficaram fora destes critérios foram desconsiderados para análise. O terceiro passo numa Revisão Integrativa é a **identificação dos estudos pré-selecionados**, na qual foram lidos os resumos e, eventualmente, também a introdução e conclusão, quando a leitura dos resumos não respondia ao critério de inclusão. Inclusive, vale ressaltar que algumas citações diretas aparecem com indicação de não paginada [n.p.] por terem sido retiradas dos resumos.

Na **categorização dos estudos**, quarto passo, foram identificados os objetos, metodologias, e os principais resultados para categorização. Momento em que, algumas citações são selecionadas para inclusão nas discussões. No passo seguinte, aconteceu a **análise e interpretação dos resultados**, quando as informações foram analisadas para identificar as tendências e contribuições. O sexto passo, **apresentação da revisão**, neste caso, acontece mediante este artigo.

3. O PANORAMA DAS PESQUISAS

A busca por ‘feira livre’ na base da CAPES identificou 33.464 pesquisas. Sendo impossível analisar todas, nova busca e outros critérios foram inseridos, conforme fluxograma abaixo.

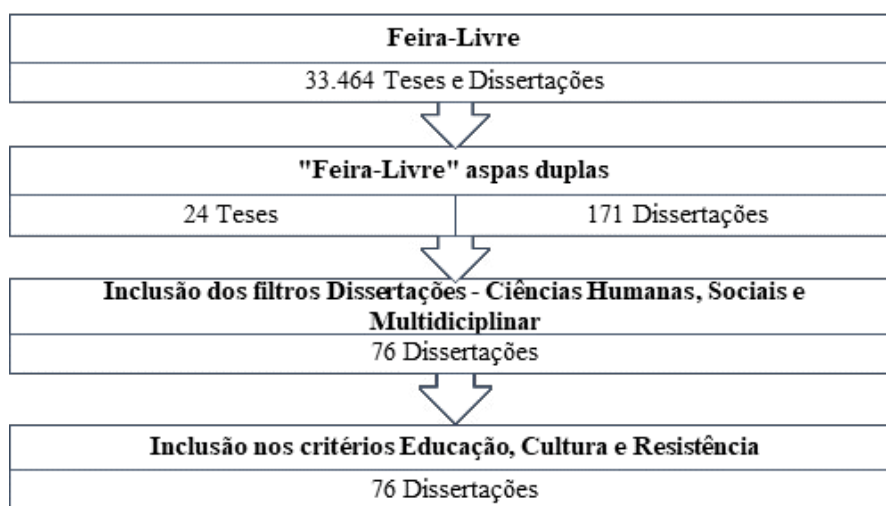


Figura 1 – Fluxograma do processo de busca no banco de dados da CAPES

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Dentre as teses foi possível identificar 24 produções, que tiveram todos os resumos lidos. As dissertações, por outro lado, sofreram filtro com foco nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Estudos Multidisciplinares, resultando em 76 pesquisas. Assim, as pesquisas totalizaram em um número de 100 em vinculação com as feiras livres. A incidência de pesquisas compreendeu os anos de 1994 até 2018 (Figura 2), considerando 2019 o ano da realização deste estudo.

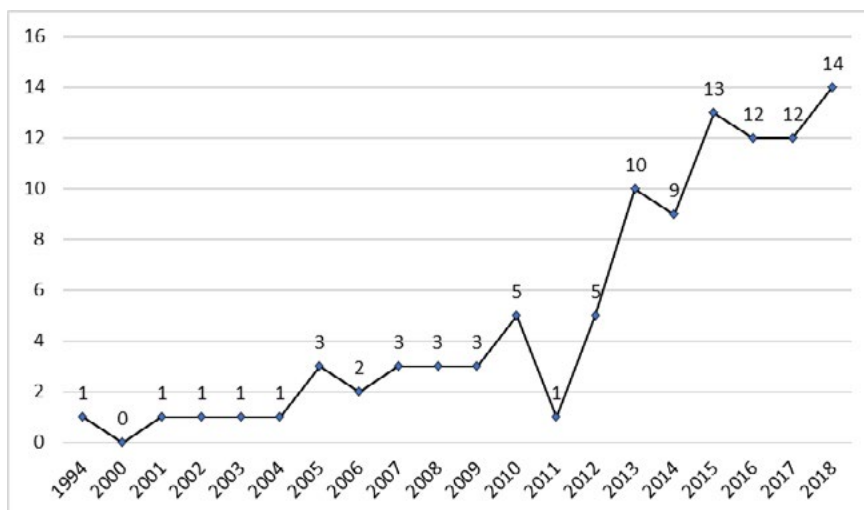


Figura 2 – Produções por período de teses e dissertações

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da CAPES (2020)

Em relação à análise das produções, observa-se que os seis primeiros anos apresentam um número inexpressivo, considerando a ocorrência de cinco trabalhos entre 1994 a 2004. Verifica-se um crescimento no período de 2005 a 2010, com 19 produções, e um crescimento significativo no período de 2012 a 2018, com 75 trabalhos em seis anos. Abaixo (Tabela 1) a distribuição das pesquisas por área do conhecimento.

Tabela 1 – Teses e dissertações por área do conhecimento

Área do Conhecimento	Teses	Dissertações
Ciências Agrárias	08	-
Ciências Biológicas	01	-
Ciências da Saúde	02	-
Ciências Humanas	04	47
Ciências Sociais Aplicadas	03	14
Engenharia	02	-
Multidisciplinar	04	15
Total	24	76

Fonte: Elaborado pelos autores, baseados em dados da CAPES (2019)

Nas Teses, áreas que mais favoreceram o aumento do número de pesquisas foram as Ciências Agrárias, Humanas e os Estudos Multidisciplinares, respectivamente. Já as Dissertações, apresentam um perfil diferente, conforme visto na Tabela 1 acima, na qual as Ciências Humanas

apresentam maior produção em detrimento das demais áreas, com exceção das áreas de Estudos Multidisciplinares e Ciências Sociais Aplicadas que apresentaram algumas produções. A Figura 3, a seguir, apresenta um panorama geral das pesquisas por região do país.

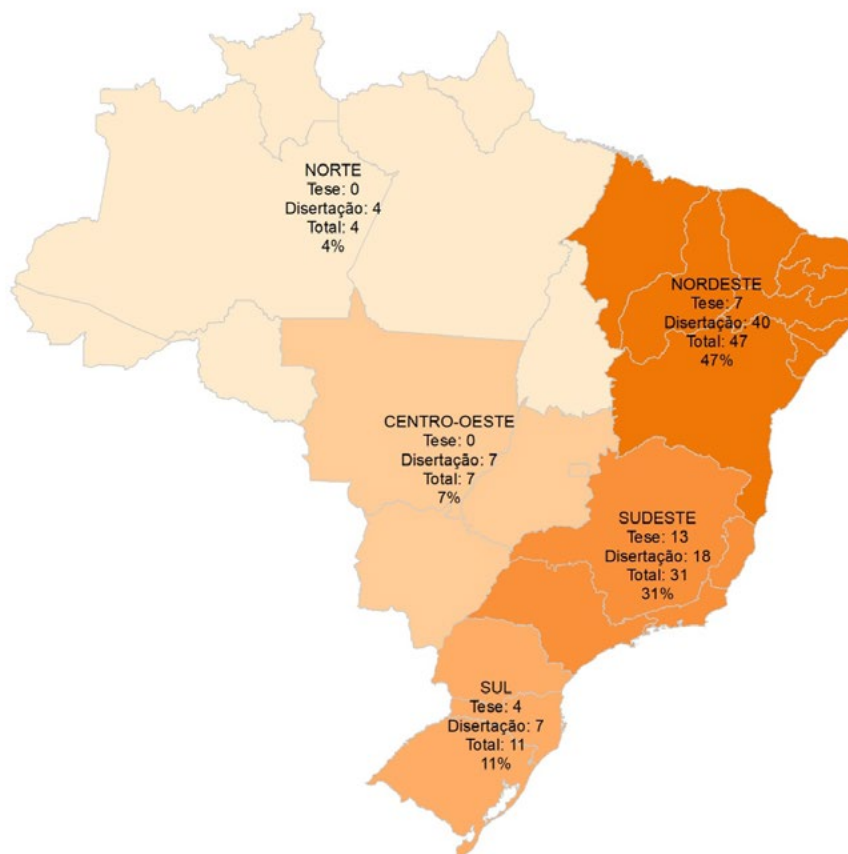


Figura 3 – Distribuição das pesquisas por região do Brasil

Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Considerando os dados presentes na Figura 3, acima, é possível perceber que o Nordeste do Brasil, com 47% das produções, configura-se como a região com o maior número de produções relacionadas à feira livre, seguida da região Sudeste.

4. O ESTUDO DA FEIRA LIVRE NAS TESES

Esta seção foi elaborada com base nas teses que apresentam a feira livre vinculada à Educação e Cultura Popular, além das Resistências e outras discussões que corroboram para compreensão daquele *locus* enquanto produtor de saberes. Nas Ciências Sociais Aplicadas, a tese identificada trouxe como foco a dignidade da pessoa humana, contribuindo com discussões vinculadas aos valores relacionais como solidariedade, amizade, confiança e sinceridade, presentes nas relações entre “[...] feirantes, fornecedores, clientes e até os representantes do

governo” (Morais, 2016, p. 179), favorecendo a superação de dificuldades e para a construção da dignidade entre as pessoas que frequentam uma determinada feira livre, analisada na tese de Francilene Araújo de Moraes.

As Ciências Biológicas contribuíram com um estudo sobre as propriedades medicinais da planta nativa Erva-de-bicho (*Polygonum acre* H. B. K. var. *aquatile*), comercializada em feiras livres, que apresentou propriedades antidematogênica e o uso popular da planta através dos estudos de Sharon Santos de Lima (Lima, 2005), contribuindo para a percepção das feiras livres enquanto difusoras dos conhecimentos popularmente elaborados.

As Ciências da Saúde produziram duas teses, apresentadas nos anos de 2001 e 2015. O trabalho de Bruna Vieira de Lima Costa (Costa, 2015), único trabalho localizado para análise, apontou para a necessidade de políticas públicas que fomentem o consumo de alimentos saudáveis nos territórios, principalmente de frutas e hortaliças, a fim de promover a saúde das pessoas ficando demonstrado, como ponto positivo em seu Índice de Acesso a Alimentos, o comércio de alimentos em feiras livres e a melhoria da qualidade de vida para as populações do entorno.

A área Multidisciplinar nos anos de 2016 e 2018 apresentou duas teses. A sustentabilidade nas feiras livres foi discutida na pesquisa de Andrea da Silva (Silva, 2016), trazendo um diagnóstico com pontos a serem melhorados naquele espaço, propondo, por exemplo, a formação para os(as) feirantes; atendimento às suas demandas; investimento em infraestrutura etc. para valorizar aqueles trabalhadores e revitalizar o espaço da feira livre. O estudo de Francisca Carla Silva de Oliveira (Oliveira, 2018) trouxe plantas de uso medicinal comercializadas em uma feira livre. Neste estudo, os feirantes são vistos como especialistas no uso daquelas plantas e a feira livre como “[...] um importante espaço de manutenção, (re) construção e difusão da cultura local, acerca do uso de plantas medicinais” (Oliveira, 2018, n.p.), além de sua contribuição para ecologia e para economia, apontando a necessidade da manutenção daquela prática social e do uso seguro e sustentável daqueles recursos naturais comercializados.

Por fim, as Ciências Humanas contribuíram com quatro trabalhos, entre os anos de 2016 e 2018. Os objetos passaram por práticas educativas; vida e obra de um poeta; comércio informal; cultura e trabalho. As metodologias qualitativas utilizadas foram a história de vida e oral, além da análise documental. Em ordem cronológica, tem-se o trabalho de Alexandra Flávia Bezerra de Oliveira (Oliveira, 2016, n.p.) sobre a Feira livre de Bodocó (PE) como espaço educativo em relação as africanidades bodocoenses. A autora dedicou-se a compreender “as práticas educativas relacionadas as africanidades bodocoenses no cotidiano das atividades semanais desse comércio ao ar livre” e, para tanto, utilizou uma abordagem qualitativa para realizar sua pesquisa, recorrendo à pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando técnicas como observação, registro de campo, entrevistas, gravações, dentre outras. As contribuições desta pesquisa apontam as práticas educativas vinculadas às africanidades, naquele espaço educativo, como transmitidas através da “tradição oral, as cantigas, provérbios, práticas religiosas, etc.”, sendo sustentadas

pela cosmovisão africana. Importante destacar a visão da autora, a respeito do ambiente da feira livre, na qual nota-se

[...] várias práticas educativas com intuítos diversos onde a herança ancestral africana e afrodescendente é transmitida através de várias práticas [...]. A aprendizagem desse legado assim também acontece de maneira sutil, consciente e inconsciente sendo preservado e reelaborado no cotidiano da feira (Oliveira, 2016, p. 09).

Dessa forma, a autora reforça a ideia da feira livre como espaço de cultura, identidade e educação, para além das concepções excludentes nas quais a educação e a cultura acontecem somente dentro de escolas, museus e outros espaços ligados a ideias elitistas. Assim, longe de ser um lugar de reprodução de exclusão social, a feira livre possui elementos que a torna singular.

A pesquisa de Geovanni Gomes Cabral (Cabral, 2016) tratou da trajetória do poeta paraibano José Costa Leite. Utilizou a História Oral e a pesquisa autobiográfica, apresentando a feira livre enquanto difusora das produções do poeta estudado. Os romances, folhetos e almanaques são comumente comercializados nas feiras livres tradicionais. Portanto, um *locus* vinculado à cultura nordestina.

Em 2017, Alessandra Oliveira Teles estudou o “Comércio informal em Feira de Santana (Ba)” (Teles, 2017, n.p.), abordando esse tipo de comércio e suas transformações. A metodologia combinou pesquisa documental e de campo. As principais considerações apresentam o comércio como a força que move a economia feirense, apontando a “tradição histórica da feira livre, o desemprego promovido pelas sucessivas reestruturações produtivas, a articulação [...] para a realização da atividade comercial” (Teles, 2017, n.p.), como aspectos que favoreceram para consolidação da feira livre, enquanto comércio informal, naquele município.

Em 2018, Hamilton Rodrigues dos Santos (Santos, 2018) discutiu a cultura e o trabalho de feirantes no município de Santo Antônio de Jesus (BA), no período de 1950-1970. As narrativas orais e história de vida foram utilizadas como escolha metodológica. As principais considerações apontam para a importância das feiras livres para os municípios de pequeno e médio porte no Brasil, no período estudado, por ser esta a forma mais comum para a compra e venda de mercadorias. A pesquisa sinaliza as questões econômicas e as experiências dos feirantes “para mostrar as suas lutas pela sobrevivência e defesa da vida” (Santos, 2018, n.p.), apresentando as relações com trabalho, família, aspectos culturais, identitários e religiosos daqueles sujeitos:

[...] os sonhos, os desencantos, as frustrações, as alegrias, as dificuldades no mundo do trabalho, o ato de migrar, os arranjos e improvisos para a sobrevivência dentro e fora da feira, a estética particular desse ambiente, os evidentes conflitos, o lazer, os vários tipos de sujeitos que compartilhavam o universo da feira livre e as múltiplas experiências dos feirantes (Santos, 2018, p. 13).

Considerando o exposto acima, esse trabalho pode contribuir para compreender mais sobre a feira livre e esse universo de luta por sobrevivência vivido pelos(as) feirantes e que, mesmo com tanta riqueza cultural e identitária, ainda é pouco reconhecida quando não, completamente invisibilizada e marginalizada enquanto ofício e forma legítima de sobrevivência para diversas famílias.

5. O ESTUDO DA FEIRA LIVRE NAS DISSERTAÇÕES

Esta seção foi elaborada com base nas dissertações que trataram sobre a feira livre e apresentaram alguma vinculação com as áreas da Educação Popular; a Cultura Popular; e a Resistência. Assim, das 76 dissertações identificadas, apenas dezenove serão apresentadas a seguir, por se inserirem nos critérios definidos.

As dissertações analisadas, vinculadas à Educação Popular, apresentam uma tendência em questões referentes à experiência, produção de saberes, práticas educativas e de socialização ocorridas no espaço das feiras livres. As metodologias, todas numa abordagem qualitativa, passaram por Etnografia, Estudos de Casos, História Oral, associando mais de um tipo de pesquisa. Era comum o uso de diários de campo, entrevistas e observação participante.

Tatiane Alves Ferreira (Ferreira, 2018), buscou “compreender como se desvelam as experiências estéticas no comércio de flores em uma feira livre”. Numa abordagem qualitativa, buscou a “compreensão empática”, com o uso da observação participante e diário de campo, permitindo à autora “[...] descrever a organização, o conhecimento e a experiência estética no comércio de flores” numa feira livre (Ferreira, 2018, p. 123). Com sensibilidade empática, a autora trouxe em seus resultados: os tempos normativos e o tempo “do sol, que castiga o belo das flores e orquestra o movimento das atividades”. Além das categorias estéticas, compreendeu também “[...] que o conhecimento estético se manifesta de duas formas básicas: o saber fazer descrito pela expressão popular ‘mão boa’ e o saber fazer adquirido em cursos” (Ferreira, 2018, p. 123). Desta forma, enfatizou os conhecimentos produzidos fora da escola e que sustentam a estreita vinculação com aquela prática.

Thiago Isaías Nóbrega de Lucena (Lucena, 2012), discutiu os “saberes marcados por múltiplas subjetividades” na feira livre. Numa abordagem qualitativa, o autor apostou numa metodologia que saísse “[...] da armadilha de estudar ‘o’ e passar a estudar ‘com’ [...]” (Lucena, 2012, p. 20). Desta maneira, olhou para as feiras livres, apontando, dentre outras coisas, que aquela se constitui numa “caótica e pulsante sala de aula ao ar livre, na qual se constroem saberes próximos de uma lógica do sensível [...]”; num verdadeiro “laboratório de construção de conhecimentos[...]”; além de uma “escola sem muros, portas, janelas, quadros-negros ou programas [...]”, onde há uma “troca de bens e palavras em permanente construção” (Lucena, 2012, p. 20).

Ângela Jasmin Fonseca Reyes (Reyes, 2018), buscou “indagar sobre as práticas de socialização que os atores da feira livre do Sul de Tunja [Colômbia] tecem entre eles e com o lugar, frente ao discurso normatizador imposto pelo sistema econômico e a burocracia [...] administrativa” (Reyes, 2018, n.p.), onde a Constituição confere aos municípios “custodiar, defender e administrar as feiras livres públicas” por entenderem os benefícios daquelas para os colombianos (Reyes, 2018, n.p.). Para responder aos seus objetivos, a autora valeu-se da pesquisa Etnográfica compreendendo que a feira livre, além de ser um lugar de trocas comerciais é um espaço de “socialização e intercâmbio de saberes [...] que a fazem um local educativo ao céu aberto, onde as pessoas aprendem e ensinam fazendo, narrando, ouvindo, interagindo” (Reyes, 2018, n.p.). Destacou também que a feira livre continua viva nas cidades porque “[...] faz parte das práticas” dos saberes e das relações que as pessoas constroem com e no lugar (Reyes, 2018, n.p.).

Francisca Eliana Santos da Silva (Silva, 2014), buscou “compreender as práticas educativas e os saberes presentes” numa determinada feira livre em “A ‘Pedagogia’ da Feira Livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE” (Silva, 2014, n.p.). Numa abordagem qualitativa, a autora utilizou o Estudo de Caso como método investigativo, a observação participante e entrevistas para coleta de dados. Suas conclusões apontam que a “feira possui características afetivas que fortalecem os laços entre feirantes”; naquele “espaço nascem histórias de vidas, saberes que crescem a partir de experiências vividas nas práticas cotidianas”; e que “manifestam práticas educativas”, tornando-se um “evento social, cultural e educativo que contribui na sobrevivência de muitas famílias” (Silva, 2014, n.p.).

Márcia Lázara Pinheiro Silva (Silva, 2012), discutiu os saberes elaborados na feira livre, focando na relação poder-saber com base nos estudos de Michel Foucault. Além de buscar entender os feirantes “diante das relações capitalistas e da Globalização que regem as relações sociais, políticas e econômicas na atualidade” e a forma como aqueles sujeitos conseguem manter a feira livre mesmo diante das “possibilidades que acometem todos os sujeitos pós-modernos” (Silva, 2012, p. 38). Os estudos etnográficos foram utilizados na metodologia. Dentre as discussões trazidas pela autora, a questão da resistência efetivada pelos feirantes, mediante suas práticas, é de interesse para a referida pesquisa de doutoramento em curso.

Mesmo quando o foco da pesquisa não é a permanência e a resistência, essas acabam aparecendo transversalmente em alguns estudos. Porém, as dissertações apresentadas a seguir, tratam da feira livre relacionada diretamente com a temática da Resistência/Permanência. Dentro dessas perspectivas observadas, os autores buscaram compreender questões relacionadas às relações sociais, conflitos e negociações com o poder público; as mudanças socioambientais e as transformações espaciais. Todas com abordagem qualitativa, as metodologias mais utilizadas foram pesquisa bibliográfica, documental, história de vida e cartografia. As técnicas de coleta mais comuns são entrevistas e questionários.

Larissa Penelu Bitencourt Pacheco (Pacheco, 2009), com pesquisa intitulada “Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado de

alimentos em Feira de Santana (1960/1990)”, buscou entender como as “relações sociais foram travadas em conflito ou negociação com as políticas públicas direcionadas ao mercado de abastecimento e como depois retornaram diante da emergência da mudança” (Pacheco, 2009, p. 188-189). Usou como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, além do depoimento de feirantes. A autora apontou o processo de permanência vivido na feira livre do Centro daquela cidade, mesmo após a transferência para o Centro de Abastecimento, na década de 1970:

Entre negociações de uso das calçadas e doações de terrenos no centro da cidade [...], alguns feirantes conseguiram permanecer com a feira de alimentos nas ruas do coração do Centro comercial feirense, barganhando dia a dia a fiscalização municipal e negando a ida para o Centro de Abastecimento (Pacheco, 2009, p. 188).

Lançando um olhar para os feirantes, destacou como foram capazes de dialogar e negociar, sugerindo o “protagonismo dos feirantes nas relações de montagem da feira livre no centro de Feira” (Pacheco, 2009, p. 189).

Geovany Pachelly Gaudino Dantas (Dantas, 2007), estudou a feira livre refletindo sobre “as diversas modificações ocorridas na dinâmica socioespacial”, no período de 1960 a 2006 (Dantas, 2007, pp. 19-20). Utilizou a pesquisa bibliográfica e documental, associando o uso de questionários e entrevistas para concluir que apesar das mudanças, impressas na contemporaneidade, existe uma permanência deste comércio tradicional que resiste frente ao aparecimento de outras formas de consumo e de comércio, especialmente os supermercados. Destacou também a importância econômica da feira livre para o município e o abastecimento de regiões vizinhas, lançando um olhar para outros aspectos socioculturais caros à vida em sociedade:

[...] a feira é o lugar onde se expressa com mais força a tradição popular, [...] onde se realizam um grande número de atividades paralelas, o lugar dos encontros e reencontros, das conversas, das manifestações culturais e artísticas (Dantas, 2007, p. 10).

Emerson Trevisan (Trevisan, 2008), tratou dos conceitos de economia formal e informal na feira livre, com o objetivo de “compreender as dinâmicas” daquele espaço (Trevisan, 2008, n.p.). Os procedimentos metodológicos foram o levantamento cartográfico, as entrevistas, e a história de vida. Considerando que a localização geográfica da feira livre contribui para a diversidade das relações sociais e econômicas ocorridas naquele espaço, ocupando lugar de centralidade para o município e região.

O pesquisador Marcio Nicory Costa Souza (Souza, 2010), discutiu a tradicional feira de São Joaquim, em Salvador, buscando “compreender como se caracteriza a permanência da Feira no sentido de um espaço comercial, *locus* de aprovisionamento local e regional, tradicional, ante mudanças na rede geral de abastecimento” naquela localidade (Souza, 2010, n.p.). Através da iconografia, textos orais e escritos, apontou a feira pesquisada “como matriz de todas as ou-

tras feiras livres da cidade” e região vizinha (Souza, 2010, n.p.). Evidenciando que os feirantes são compelidos “à criação ou invenção de mecanismos de defesa e adaptação”, fazendo da feira livre um lugar de negociação entre “diferentes forças expulsivas e forças aglutinadoras”, capaz de resistir por sua habilidade de “mudar constantemente” (Souza, 2010, n.p.).

Izabelle Trajano da Silva (Silva, 2015), tratou das transformações e permanências no comércio de Juazeirinho (PB), com o objetivo de “compreender as implicações da chegada das redes de negócios [...]” (Silva, 2015, n.p.). A autora trabalhou com entrevistas, apontando a importância da feira livre enquanto “[...] lugar do acontecer social, uma vez que a feira também foi compreendida para além das trocas comerciais”, permanecendo, apesar das “redes de negócios, as franquias e as lojas fidelizadas” (Silva, 2015, n.p.), que marcam a expansão geográfica do capitalismo.

Maria Regiane da Costa (Costa, 2016), estudou a dinâmica espacial em uma feira livre, combinando pesquisa documental, entrevistas e questionários. Suas considerações apontam que “As ruas, as praças e as avenidas são territórios apropriados por feirantes”; ao exporem suas “mercadorias atraem consumidores de diversos lugares”; observou que “as feiras livres reúnem maior flexibilidade quanto à forma e à função a fim de que sobrevivam às novas tendências socioeconômicas”, passando por “significativa expansão” (Costa, 2016, n.p.). Destacou também a geração de renda; além de apresentar “as estratégias dos feirantes” para renovar seu comércio e atrair fregueses, evidenciando as mudanças naquela prática social, sendo exemplo “de permanências e transformações nos espaços urbanos” (Costa, 2016, n.p.).

Felipe Gerhard Paula Sousa (Sousa, 2015), pesquisou a resiliência em uma feira livre como determinante para a sobrevivência daquela prática, desde o surgimento das vilas até os dias atuais, sendo os processos contidos naquela resiliência, o foco dos seus estudos. Numa pesquisa qualitativa, o autor utilizou a observação participante e as redes semânticas naturais como técnicas de pesquisa. As principais conclusões apontam que a resiliência “**transcendem a visão mercadológica [...]**” e que as “**perspectivas social e cultural, [...]** são compostas por valores intangíveis” (Sousa, 2015, p. 07, grifo nosso), fazendo com que a permanência das feiras livres aconteça em função dos “**valores, práticas e lógicas [...]** que **as diferenciam do pragmatismo econômico convencional**” (Sousa, 2015, p. 07, grifo nosso).

Bruno da Silva Bittencourt (Bittencourt, 2018), pesquisou a organização do urbano em uma determinada cidade, considerando a centralidade e influência da feira livre naquele cenário. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, com o uso da observação participativa e fotografias. Em suas conclusões verificou que feirantes e consumidores viam a feira livre como “local de encontro e de entretenimento”, sendo importante “[...] tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista social e cultural” (Bittencourt, 2018, p. 07).

As dissertações a respeito da feira livre que trouxeram a Cultura Popular em suas discussões, apresentam uma tendência nas trocas socioculturais nas feiras livres; patrimônio imaterial; produção de saberes e as relações culturais, econômicas ou referentes à memória. As metodolo-

gias utilizadas passaram pela Etnográfica e História Oral, com uso de entrevista e questionário. Alessandra Flavia Bezerra de Oliveira (Oliveira, 2013) discutiu a memória, a africanidade e a educação em uma feira livre através dos “artefatos da cultura negra” expostos naquele lugar. Para tanto, buscou acessar as memórias de frequentadores da feira livre e daqueles que “guardam a herança ancestral da produção em barro, couro e caroa” (Oliveira, 2013, n.p.). Em sua metodologia utilizou textos bibliográficos e a História Oral, apontando para uma “presença negra na história local como fator civilizatório” (Oliveira, 2013, n.p.); apontou também a “marca do eurocentrismo em detrimento daquilo que é brasileiro, africano, afrodescendente” (Oliveira, 2013, n.p.) para em seguida, propor que o patrimônio deixado pelos “ancestrais africanos no município de Bodocó e presente nas feiras semanais seja tema das aulas de História” (Oliveira, 2013, n.p.) na busca por “valorizar a pluralidade cultural [...], a diversidade de alunos que as escolas recebem trazendo para a sala de aula a sua ancestralidade, historicidade e identidade cultural” (Oliveira, 2013, n.p.).

Andreia Cristina da Silva Barbosa (Barbosa, 2013), refletiu sobre as riquezas e os sentidos em uma feira livre, pensando os “saberes e fazeres, articulando-os à sociedade como processo da construção de conhecimento, que servirão de aporte para discutir as fragilidades existentes diante das tentativas de ressignificação das tradições” (Barbosa, 2013, n.p.). A metodologia contou com a pesquisa bibliográfica e documental, além do uso de mais de 300 questionários aplicados entre feirantes e fregueses. Destacou a importância daquele comércio, mas principalmente enquanto espaço “de bens simbólicos” e de “práticas culturais plurais” (Barbosa, 2013, p. 18) capazes de contribuir para a formação da cultura popular, oferecendo uma intersecção com a “função da cultura popular, o papel do município e a interface com a sociedade contemporânea” (Barbosa, 2013, p. 18).

Sharlene da Silva Bernardino (Bernardino, 2015), autora, filha de feirantes, discutiu “as relações culturais e econômicas” numa feira livre nordestina. Para tanto, utilizou a História Oral, tendo concluído, que a feira livre “é lugar de comprar, mas, também, de passear, conversar, encontrar amigos e conhecidos” (Bernardino, 2015, n.p.); existe uma relação entre o tradicional, na venda de farinha de mandioca artesanal por exemplo, e o “moderno”, encontrado nos objetos industrializados, comum na vida cotidiana; apesar de não ser um espaço hegemônico “do comércio contemporâneo, tais como as cadeias de supermercados e os *shopping centers*” (Bernardino, 2015, n.p.), a feira livre oferece, segundo a autora, um espaço democrático capaz de reafirmar aspectos de territorialidade e identidade cultural, além da noção de pertencimento e integração ao ambiente. A autora também destaca a “identidade, fidelidade e afetividade”, fazendo a feira transcender do comércio para um lugar de transmissão de sentido, por conterem “significados de vida, trabalho e socialização” (Bernardino, 2015, n.p.).

Maria Dorotéia de Lima (Lima, 2008), buscou identificar e interpretar “o patrimônio cultural dos trabalhadores do Ver-o-Peso” feira famosa de Belém (PA), mediante a abordagem Etnográfica e com uso de técnicas como “observação participante, entrevistas semiestruturadas

e informais” olhou a feira livre como “elemento agregador [...], fator de pertencimento e identidade coletiva, que é detentor de valores e significados, ainda que, raramente, seja percebido e identificado por esses trabalhadores” (Lima, 2008, n.p.). As principais considerações apontam a feira como um patrimônio cultural imaterial, “demarcado por práticas sociais e operações cotidianas, as quais envolvem múltiplas dimensões da vida social” de “expressões [...], sentimentos e sociabilidade associadas e desenvolvidas no fazer diário” (Lima, 2008, n.p.). Observou também que, após gerações, a “manutenção da ‘essência’ do Ver-o-Peso” assegura “sentido de pertencimento e identificação de seus trabalhadores com esse lugar” (Lima, 2008, n.p.), preservando a sua cultura, apesar da negligência do poder público.

Daniela Maria Alves Pedrosa (Pedrosa, 2015), investigou a feira livre enquanto espaço de trocas sociais, num movimento etnográfico. Apontando que a feira livre pesquisada se apresenta como um “[...] espaço de trocas sociais, da interação entre feirante e freguês, bem como momento de lazer para grande parte de seus frequentadores” (Pedrosa, 2015, p. 08), compondo a paisagem urbana do lugar.

Daniela Pereira de Melo (Melo, 2018) estudou a mediação que uma determinada feira livre estabelece entre o campo e a cidade. Através de visita *in loco*, questionários e observação, a autora apontou contribuições da feira livre “para valorização da produção e cultura local” (Melo, 2018, n.p.), para além das questões comerciais, observando também as “relações pessoais e afetivas” existentes naquele lugar (Melo, 2018, n.p.). Apontou a feira livre como parte do desenvolvimento local e regional por ser “uma alternativa para que o pequeno produtor rural” (Melo, 2018, n.p.) comercialize seus produtos, favorecendo a oferta de uma variedade de produtos de qualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos das Teses apresentadas neste artigo, afirma-se que as produções sobre feira livre, presentes em diversas áreas, estão distribuídas em várias categorias, com destaque para difusão da medicina popular e alimentação saudável; permanências; cultura popular e educação popular presentes nas práticas educativas experimentadas nas feiras livres. Apontando, essencialmente, para a diversidade de possibilidades e riquezas que emergem das/nas feiras livres. Nas teses, há uma diversificação metodológicas passando pela pesquisa-ação, estudos comparativos, pesquisas de campo e outras. As técnicas mais utilizadas foram as visitas, a observação, o uso de questionários e as entrevistas.

As Dissertações apresentam uma tendência no uso de um olhar plural, diverso e generoso para a feira livre e suas formas de existir nas sociedades atuais, apontando para uma forte representação e força daquela prática social no Brasil, em especial no Norte e Nordeste. As leituras trazem nuances das práticas e relações estabelecidas nas feiras livres e que são, ao mesmo tempo, culturais e ancestrais. A produção estabelecida naqueles espaços educativos não formais,

trazem saberes e conhecimentos para o redimensionamento das formas de perceber as relações sociais a partir de outros sujeitos e outras culturas. As metodologias utilizadas, todas dentro da abordagem qualitativa, transitam pela pesquisa etnográfica, bibliográfica, documental e história oral. As técnicas de coleta mais comuns foram notas de campo, entrevistas, observação, entrevistas e questionários.

As dissertações analisadas, referentes à Educação Popular, apresentam seus resultados vinculados aos saberes populares na feira livre enquanto *locus* de difusão e troca de saberes. Os principais resultados obtidos a partir das pesquisas de mestrado analisadas, no tocante às Permanências/Resistências, apontam para uma compreensão de que a permanência dos(as) feirantes naquela prática social advém de fatores diversos, incluindo o protagonismo daqueles(as) trabalhadores(as) nas negociações com o poder público para seguirem mantendo seus ofícios. Por ser a feira livre um local de manifestação cultural, social, artística e das tradições populares, ela transcende a questão econômica e comercial experimentada em mercados, redes de comércio, franquias etc. Por fim, a capacidade de se reinventar, colabora, segundo alguns autores, para a permanência da feira livre.

Em seu vínculo com a Cultura Popular, as pesquisas analisadas demonstram a relevância da feira livre para a sociedade, principalmente, para a formação e preservação da cultura. As feiras livres produzem trocas afetivas, culturais, de lazer e interação jamais encontradas em supermercados, por exemplo. A constituição da feira livre e sua forma de permanecer na atualidade, convivendo com as tradições e novas práticas, faz dela um espaço democrático, acessível e capaz de reafirmar aspectos como identidade, territorialidade, afetividade, memórias e pertencimento, fazendo da feira livre um lugar singular, carregado de sentido e significado.

As pesquisas acabam reforçando a importância das feiras livres no Brasil, com destaque para o fortalecimento da cultura popular; a melhoria da qualidade de vida das pessoas; além do acesso à educação popular, através dos saberes produzidos e difundidos naquele espaço, do lazer, dos encontros, dos afetos e das trocas que nas/das feiras livres emergem. Sem esquecer valores como solidariedade e cooperação, essenciais à vida em sociedade.

7. REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. C. S. **Riqueza que mexe com os sentidos**: feira livre de Senhor do Bonfim. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2013. 136 p.

BERNARDINO, S. S. **A feira livre da cidade de Nova Cruz-RN**: Aspectos culturais e econômicos. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 132 p.

BITTENCOURT, B. S. **Feira livre de Abaetetuba/PA**: uma análise da influência da feira no processo de organização do espaço urbano da cidade. Dissertação (Mestrado) - Programa de

Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente urbano, Universidade da Amazônia, Belém, 2018. 91p.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136. maio-ago. 2011.

CABRAL, G. G. **Arte, história e narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. 266p.

CAPES. **Módulo de Coleta de Dados**. Brasília: Plataforma Sucupira, 2015. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/plataforma-sucupira/modulo-coleta-de-dados> Acesso em: 25 mar. 2019.

CASSUNDÉA, F. R. S. A.; BARBOSA, M. A. C.; MENDONÇA, J. R. C. M. Entre Revisões Sistemáticas e Bibliométricas: como tem sido mapeada a produção acadêmica em administração no Brasil? **Inf. Londrina**, Londrina, ano 23, n. 1, p. 311– 334, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/> Acesso em: 15 dez. 2018.

COSTA, B. V. L. **Alimentação e ambiente alimentar no território do programa academia da Saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 188p.

COSTA, M. R.. **Dinâmica espacial da feira livre de São Bento em Cascavel/CE**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. 219p.

DANTAS, G. P. G. **Feira Livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. 202p.

FERREIRA, T. A. **À flor da pele: experiência estética em uma feira livre de Vitória/ES**. Vitória. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. 135p.

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. 16 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

KOSTER, H. **Travels in Brazil**. 2 ed. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1817.

LIMA, M. D. **Ver-o-peso, patrimônio e práticas sociais. uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. 216p.

LIMA, R. C. M. Bibliometria: análise quantitativa da literatura como instrumento de administração em sistemas de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 127-133, jul./dez. 1986.

LIMA, S. S. **Cultura de Tecidos e Substâncias biologicamente ativas da Erva-de-bicho (Polygonum acre H. B. K. var. aquatile), Uma Planta Medicinal Nativa**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Vegetal, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 151p.

LUCENA, T. I. N. **Feiras-livres: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. 160p.

MELO, D. P. **A resignificação do espaço urbano na feira livre no bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2018. 141p.

MENDES, K. D. S. *et al.* Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MORAIS, F. A. **Dignidade nas relações entre stakeholders no mercado da feira livre de Campina Grande: um estudo etnográfico**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. 200p.

OLIVEIRA, A. F. B. **Feira livre de Bodocó como espaço educativo em relação as africanidades Bodocoenses**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. 219p.

OLIVEIRA, A. Flavia B. **Feira Livre de Bodocó: memória, africanidades e educação**. Fortaleza: UFC, 2013. 149 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. 149p.

OLIVEIRA, F. C. S. **Diversidade e comercialização de plantas medicinais na feira livre de Oeiras, Piauí**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Recife, 2018.

PACHECO, L. P. B. **Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado de alimentos em Feira de Santana (1960/1990)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009. 190p.

PEDROSA, D. M. A. **A feira livre da avenida brasil: produção do espaço e trocas sociais no comercio de rua de Juiz de Fora, MG**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

REYES, A.J.F. **Da barraca ao escritório: perspectivas pedagógicas da feira livre do sul de Tunja** (Colômbia). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. 142p.

SANTOS, H. R. **Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes no Recôncavo Baiano – Santo Antônio De Jesus (1950-1970)**. Fortaleza: UFC, 2018. 361 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, A. **Sustentabilidade em empreendimentos de feiras livres**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2016. 175p.

SILVA, F. E. S. **A “Pedagogia” da feira livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. 97p.

SILVA, I. T. **Permanências e transformações no espaço comercial da pequena cidade de Juazeirinho-PB: da feira livre às redes de negócios**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 171p;

SILVA, M. L. P. **Gracejos e artimanhas como jogos discursivos na feira livre: contribuições para se pensar os saberes e os processos de aprendizagem na prática social de venda e compra**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2012. 98p.

SILVA, R. C. Avaliação da Informação Científica em Bibliometria Aplicada às Ciências da Saúde. *In: Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB, 25, 2013, Florianópolis. Anais...* Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1499/1500> Acesso em: 24 ago. 2020.

SOARES, C. B.; HOGA, L. A. K.; PEDUZZI, M.; SANGALETI, C.; YONEKURA, T.; SILVA, D. R. A. D. Revisão Integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 335-345, 2014. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/ Acesso em: 17 dez. 2018.

SOUSA, F. G. P. **Resiliência em sistemas de varejo urbano: análise de uma feira livre**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. 91p.

SOUZA, M. N. C. **A teia da feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. 255p.

TELES, A. O. **O comércio informal em Feira de Santana (Ba)** – permanências e mudanças. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. 215p.

TREVISAN, E. **Os dois conceitos de economia:** o formal e o informal em convivência na feira livre de Igarassu. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. 115p.

UNESP. **Tipos de revisão de literatura.** Botucatu: Biblioteca Paulo de Carvalho Matos, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>
Acesso em: 14 jun. 2020.